

Deus e o diabo ou dois mestres da crônica

Benício Medeiros*

RESUMO

O presente artigo aborda a obra e a personalidade de dois escritores e cronistas de sucesso, Otto Lara Resende e Nelson Rodrigues, que atuaram por um longo período na imprensa carioca, apontando as afinidades e as diferenças entre os dois. Colegas de profissão e amigos tinham, no entanto, estilos e visões de mundo antitéticas. Apresenta também uma reflexão sobre a crônica no Brasil, gênero que, segundo o autor, refloresce hoje, nos jornais, em novas bases, após várias décadas de desprestígio. Palavras-chave: crônica; estilo; imprensa.

SUMMARY

This article makes an approach to the work and personality of two successful chroniclers and writers, Otto Lara Resende and Nelson Rodrigues, who worked for a long time for the press in Rio de Janeiro, pointing out their similarities and differences. They were friends, worked in the same profession and had anti-ethical views of the world and literary styles. The article makes as well a reflection on chronicle writing in Brazil which is, according to the author, a genre put on new basis that is booming today in the newspapers after decades of neglect. Key words: chronicle, style, press.

RESUMEN

Este artículo reseña la obra y la personalidad de dos escritores y cronistas de éxito, Otto Lara Resende y Nelson Rodrigues, que actuaron por un largo período en la prensa carioca, apuntando las afinidades y las diferencias entre los dos. Compañeros de profesión y amigos tenían, sin embargo, estilos y visiones de mundo antagónicas. Presenta también una reflexión sobre la crónica en Brasil, género que segundo el autor reflorece hoy, en los periódicos, en nuevas bases, después de varias décadas de desprestigio. Palabras-clave: crónica; estilo; prensa.

Num livro publicado há alguns anos tive oportunidade de explorar antagonismos e afinidades de dois autores tão próximos quanto distantes: Otto Lara Resende e Nelson Rodrigues. Tão próximos porque eram eles, por profissão, “homens de imprensa” como se dizia, tendo-se cruzado, não poucas vezes, na azáfama do ofício comum, pelas redações de jornais cariocas, principalmente nas décadas de 40/50/60. Distantes porque tinham tão pouco em comum, na origem, formação e temperamento, que os vínculos de afeto que os uniram até a morte (Nelson foi o primeiro a partir, em 1980; Otto morreu 12 anos depois, em 1992) pareciam, para alguns, inexplicáveis.

Além de contemporâneos, Otto Lara Resende e Nelson Rodrigues viveram e atuaram, em plena maturidade profissional, num período considerado como a “era de ouro” da moderna crônica brasileira – embora, curiosamente, não seja usual apontá-los como “cronistas” e colocá-los no panteão reservado a um Rubem Braga, a um Paulo Mendes Campos, a um José Carlos Oliveira e a outros mestres do gênero.

Nelson, apesar de ter sido um jornalista muito popular, é qualificado, sobretudo, como o dramaturgo que, com a peça *Vestido de noiva* e outras, promoveu a renovação do teatro brasileiro. Recentes reedições da sua obra é que resgataram o cronista excepcional que foi, bem como o grande romancista – nascido do fôrceps dos folhetins – que poderia ter sido.

Otto, por seu turno, foi aplaudido pela crítica como contista e romancista. Escritor de primeira linha, porém algo soturno, comprometido com os velhos fantasmas que habitam os sobrados coloniais de Minas Gerais, com certeza não foi tão lido em vida quanto Nelson.

Homens de inteligência e talento, os dois souberam captar de forma magistral, cada qual a sua maneira, o *mood* da época em que viveram. Só que, como não poderia deixar de ser, a partir de visões muito pessoais. Ler Nelson é uma coisa; ler Otto é outra, inteiramente diferente.

Num arroubo do qual talvez me arrependa, comparei a amizade dos dois ao encontro de duas porções antitéticas – uma “dionisiaca” (Nelson), outra “apolínea” (Otto) que, embora desiguais, complementavam-se, no final das contas, em curiosa e surpreendente harmonia. Não estava sendo original. Evocando os primórdios da sua amizade com Nelson numa

entrevista à *Folha de São Paulo*, em 1980, o próprio Otto dissera mais ou menos o mesmo: “O Nelson era um cara sombrio, com aquela obsessão sexual toda. Eu era um pudico, muito mais do que hoje. Eu tinha certeza de que não podia me entender com aquele cara tão exagerado, mas nos tornamos grandes amigos. Eu tinha uma visão dele como algo demoníaco, e ele percebeu imediatamente isso. Então, é curioso que tenhamos exercido um sobre o outro, eu mais sobre ele, uma atração muito forte, pelas nossas diferenças e até pelas nossas hostilidades”.

Quando fala em “atração muito forte”, Otto não deixa de sugerir um esquema de mútuas influências. Isso aparece bem na obra de Nelson, que chegou a transformar o amigo num personagem de ficção. Nas suas crônicas Otto também aparece muito – assim como Nelson aparece, muito embora com menos constância, nas crônicas de Otto. Este cita, às vezes, *ipsis litteris*, imagens rodrigueanas, para homenagear o amigo: “Era uma sexta-feira como outra qualquer. De uns tempos para cá, o sábado começa na sexta-feira. O sábado é uma ilusão, disse o jardineiro português à mãe de Nelson Rodrigues. Pequenino e cabeçudo como um anão de Velázquez, o Nelson tinha cinco anos. Nunca mais esqueceu a frase iluminada por uma centelha de poesia. Minha senhora, o sábado é uma ilusão. E o jardineiro empurrou o chapéu para trás”.

A dicotomia “pudico” *versus* “demoníaco”, levantada por Otto na entrevista à *Folha*, ao que parece, traduzindo um sentimento sincero e bem próprio dos que tiveram uma formação religiosa rígida como a sua, aponta para valores que na verdade acompanham o homem desde que o mundo é mundo. A percepção do Bem e do Mal; os desígnios de Deus e do Diabo sobre os destinos humanos são de resto – do Fausto, de Goethe, ao Riobaldo, de Guimarães Rosa – excelente e sempre inesgotável matéria de literatura.

Ao incluir o nome do amigo, sem consultá-lo, no título de uma peça de apelo popular – *Bonitinha, mas ordinária ou Otto Lara Resende* –, Nelson não fez talvez outra coisa senão afirmar, usando um jogo de antônimos, o que Otto diria tempos depois, sem metáfora, na entrevista citada acima.

A diferença dos temperamentos literários se reflete muito bem na repercussão que teve a obra de cada um. O espalhafatoso Nelson Rodrigues é uma pessoa que todos conhecem. Os personagens que criou – o “Sobrenatural de Almeida”, “Palhares, o Canalha” (“tão canalha que beijava a cunhada no pescoço”), o “Padre de Passeata”, a “Grã-fina de Narinas de Cadáver”, a “Estagiária de Calcanhares Sujos”, etc., que entravam e saíam, desabusada e redundantemente, de suas crônicas diárias – sobreviveram a ele, na condição de ícones de uma época.

Otto, por sua vez, protagonizou um fenômeno raro no qual a personalidade marcante e o brilho pessoal de

um autor vão, em certo sentido, contra ele, e acabam ofuscando a própria obra. Ficou mais conhecido pelos seus famosos ditos de espírito – “O mineiro só é solidário no câncer”, “A Europa é uma burrice aparelhada de museus” –, os quais, afinal, não podem deixar de ser considerados espécies de microcrônicas, em que uma impressão de amplo espectro acaba reduzida a uma frase com grande poder de impacto.

Mas Otto não foi apenas um miniaturista genial. Além de contos e romances faz parte da sua obra uma extensa coleção de crônicas que, lidas agora, vão revelar um requintado observador de fatos e pessoas. Boa parte da história contemporânea do Brasil, com a participação de alguns de seus personagens mais empolgantes com quem ele teve contato pessoal, foi reescrita pelo Otto cronista durante sua longa permanência no jornalismo.

Crônica, como a percebemos hoje, não é uma narrativa das mais afeitas ao livro. Destina-se a ocupar, modestamente, o pequeno espaço que lhe cabe em jornais ou revistas. Em geral, cumpre seus propósitos no momento em que é publicada. Tecnicamente, comporta variações: crônica política, crônica policial, crônica esportiva. Mas é vista comumente como um gênero que se situa entre o jornalismo e a literatura – desta estando talvez até mais próximo. Daí o seu tom leve, confessional e descompromissado. Daí, também, a extensa lista de escritores que a ela aderiram: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Guilherme Figueiredo, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Elsie Lessa, e muitos outros.

Uma vantagem da crônica é que, tal qual o romance, constitui um gênero “aberto”. Comporta de um tudo: reflexões, opiniões, comentários, ficção e até poesia. É famosa a crônica em que Rubem Braga disserta ecologicamente sobre um frágil pé de milho que, na contramão do caos urbano e do desinteresse dos passantes, cresce, tranqüilamente, sobre um monturo. Nestes tempos tão pouco ingênuos em que vivemos, haveria espaço ainda nos jornais para uma singeleza de tal jaez?

Foi com certeza a estreita ligação da crônica com a literatura a causa do desprestígio que passou a desfrutar a partir da década de 60, mais ou menos, quando os cânones do “moderno” jornalismo se consolidavam nas redações brasileiras, impondo a primazia da informação sobre os textos ditos personalizados. Tive a oportunidade de testemunhar, em meados dos anos 70, na redação de uma grande revista semanal na qual trabalhei, o verdadeiro espanto que causou um texto de Rubem Braga, a propósito de um livro recém-lançado do poeta Ferreira Gullar.

O trabalho fora encomendado ao “sabiá da crônica”, mas possivelmente o editor desconhecia o seu estilo. Achou-o um verdadeiro horror – simplesmente porque

a revista, feita à imagem e semelhança da *Time*, tinha o seu estilo próprio: as matérias obedeciam a normas rígidas de redação, de modo que toda a publicação parecesse, aos leitores, ter sido escrita por um mesmo órgão de imprensa. Acontece que Rubem Braga tinha um estilo próprio, e este não se coadunava com as regras da revista. Pelo contrário, rompia com todas. Pensou-se devolver o texto ao autor, mas ele acabou publicado, sob protestos.

Passados tantos anos, garanto que a resenha de Rubem é uma das poucas coisas que ainda podem ser lidas hoje, com prazer, no número da revista em que saiu publicada.

Procurava-se banir, naquela época, das fronteiras do jornalismo, tudo aquilo que se assemelhasse à “literatura” – reação, certamente, ao grande volume da subliteratura braba (com seus “narizes-de-cera” e adjetivações pomposas), que recheou os jornais da primeira metade do século XX e de antes disso. Só muitos anos depois é que a revista acima citada passou a aceitar nas suas páginas textos autorais, assinados, em que o colaborador tinha o direito de exercer um “estilo próprio”.

Superados os preconceitos, recuperou-se afinal um padrão que só pode beneficiar o jornalismo. Assiste-se, hoje, a um reflorescimento da crônica. Cada vez mais, no entanto, como um tipo de especialização jornalística.

Nelson e Otto foram cronistas modernos, pois a vida de ambos esteve, desde cedo, associada aos jornais.

Filho de pai jornalista, irmão de jornalistas, autodidata, formado no batente da imprensa dita “marrom” da década de 30, vítima da rotina de um país de crises e de tragédias familiares, Nelson habituou-se a escrever desde criança para ganhar a vida.

A “falta de vergonha” de Nelson, ou, para usar um termo mais atual, a sua inacreditável transparência nada tinha a ver com a personalidade de Otto. Nascido em São João del Rey (Nelson nasceu em Recife, mas virou carioca), Otto expressou como ninguém aquilo que se conhece por “mineiridade”. Reservado, tímido como escritor, leitor da Bíblia, amante das ambigüidades, parecia, ao contrário de Nelson, preferir ao palco as coxias.

Otto teve uma educação severa, baseada nos princípios do famigerado Caraça – o famoso colégio mineiro dos padres lazaristas de que seu pai, educador de profissão, foi aluno e devoto – e um preparo intelectual decerto superior ao de Nelson.

Se Nelson foi “uma força da natureza”, como já se disse, Otto teria sido “uma força da cultura”. Cerebral, dosado nas palavras, preocupado com a forma como qualquer bom literato, suas crônicas, como se pode constatar ao lê-las ou relê-las, equivalem a pequenas e equilibradas tentativas de entender o mundo.

Nelson não tinha esse tipo de proposta. Possivelmente, não tinha uma proposta “literária”. Deixando-se guiar pelas

próprias obsessões, como gostava de dizer, pois considerava-se “um obsessivo”, foi de certa forma mais “artista” do que o amigo Otto. Ao comentar ou inventar casos relacionados à vida carioca – do futebol às tragédias suburbanas, em geral exagerando tudo, às vezes às raias do surrealismo –, construiu um mundo mítico repleto de arquétipos que atingiam em cheio os seus leitores.

Ao contrário do perfeccionista Otto, Nelson aparece muitas vezes nas folhas como um escritor improvisado, algo descuidado, que muitas vezes fracassa no cumprimento da obrigação de preencher o espaço que lhe cabe a partir de algum acontecimento palpitante do dia.

Isso não costumava acontecer com o Otto cronista. Por outro lado, este não ia muito além da realidade objetiva. Procurava não inventar. Queria apenas cumprir um dever jornalístico, sem misturá-lo com literatura. “Eu entendi que era melhor mergulhar na redação e preservar, íntegra, a paixão literária” – escreveu ele na crônica *Ao jovem poeta setentão*, em que relata o começo de sua carreira.

Um dado curioso em Otto é justamente essa distância que ele estabeleceu entre as suas atividades de jornalista e de escritor. Como ficcionista, avançava com dificuldade no texto e tinha a mania de reescrever sem parar as próprias narrativas, em busca de um ideal de perfeição. Como jornalista, escrevia com facilidade, “ao correr da pena”, como se diz, e já no final da vida, com quase 70 anos, exibiu um entusiasmo juvenil nas crônicas diárias que preparava para a *Folha de São Paulo*.

Nelson Rodrigues, nesse caso mais feliz do que Otto, conseguiu uma síntese pela qual exercia a vocação de ficcionista dentro das redações por onde passou. Muito ao contrário do amigo, parecia não ter *superego*. E foi esse tipo de desenvoltura, essa falta de limites, esse transbordamento por vezes delirante, a necessidade sempre presente, no sufoco dos horários, de tirar o máximo de um mínimo de recursos, que forjou, paradoxalmente, a sua polêmica porém reconhecida grandeza.

É interessante comparar enfoques e estilos de Nelson e Otto quando abordam temas comuns, o que não era raro. É interessante, da mesma forma, observar Nelson colocando-se no papel de *alter ego* do escritor mineiro, fazendo revelações, exageradas ou não, inventadas ou não, sobre o lado mais secreto de Otto.

Na crônica *Dezoito quilômetros de mulher nua*, Nelson descreve um passeio de carro, ao lado de Otto, pela orla do Rio de Janeiro: “O Otto bramava – ‘São os mais lindos brotos do mundo. Olha ali, rapaz, olha!’”.

Nelson acrescenta, parágrafos adiante: “Há dois Ottos: – Um, público, e outro, do terreno baldio. E poucos provam do bom, do legítimo, do escocês Otto secretíssimo”.

Por essas e outras, os dois não deixaram de formar uma dupla literária, embora trabalhassem à distância. Com todas

as diferenças, um inspirava o outro. Intercambiavam motes que seriam desenvolvidos nas crônicas que produziam. Mantiveram, enfim, um diálogo produtivo, compondo os dois um sempre renovado “concerto a quatro mãos” – feito para máquina de escrever, pois nenhum chegou a adotar o computador.

Por sua presença marcante na cena brasileira, o pensador católico Alceu Amoroso Lima foi um personagem que freqüentou com uma certa assiduidade os dois cronistas. Otto traça-lhe um perfil acurado porém respeitoso, de velho admirador, já que o cronista o conheceu quando criança, ainda nos seus tempos de São João del Rey. Como é típico nos trabalhos de Otto, sobressai aí a tentativa de entender uma personalidade complexa e por vezes contraditória, relacionando-a, para a informação dos leitores do jornal para o qual colabora, ao contexto social e político da época.

Já o passional Nelson, ao mencionar o “Doutor Alceu”, puxa-o para o ringue de uma questão estritamente pessoal, a que trata de forma redundante e, como não poderia deixar de ser, obsessiva. Durante um bom período, por volta de 1967/68, revezando-se com o bispo Dom Hélder Câmara, o escritor católico foi um dos personagens favoritos de Nelson Rodrigues. Este, ao contrário de Otto, parece não querer entendê-lo, mas, pelo contrário, compreender-se melhor a partir do retratado. As crônicas de Nelson enfocando o Doutor Alceu sugerem as confissões de um pecador que procura um santo em busca de redenção – como neste texto (“Reze menos por mim”) incluído em *O óbvio ululante*: “Eis o que eu pensava: – Um católico, como o Dr. Amoroso Lima, há de ter Deus enterrado em si como um sino. Ele havia de imaginar que eu corria, arquejante, atrás de um amigo, eternamente atrás de um amigo. E, no entanto, eu sentia, com uma nitidez cruel, inapelável, que o dr. Alceu rezava por mim e não era meu amigo. Simplesmente, não era meu amigo”.

Trata-se de um desabafo: Nelson telefonou uma vez para o Doutor Alceu, como fazia todo o final de ano, e ouviu dele coisas de que não gostou.

O cronista não tinha pruridos em levar problemas sentimentais à apreciação dos seus leitores, por mais comezinhos que fossem. O sentimento de inveja – totalmente assumido – pelo escritor Guimarães Rosa, rendeu-lhe crônicas impagáveis, contendo revelações íntimas que poucos escritores teriam coragem de expor. Eis como descreve a si mesmo, no momento em que soube da morte do autor de *Grande sertão: veredas*: “Eu tive, com a notícia, duas reações: – Primeiro, de pusilanimidade. O enfarte alheio é uma ameaça para qualquer um. A nossa saúde cardíaca é um eterno mistério, um eterno suspense. Depois do medo, veio algo pior e mais vil: uma espécie de satisfação, de euforia. Ninguém me via, só eu me via. Vim para a janela olhar a noite. Cada um de nós tem o seu momento de pulha. Naquela instante, eu me senti um límpido, transparente canalha”.

Otto, que era amigo de Rosa e já lhe havia dedicado textos cheios de admiração, não poderia deixar de ser levado à baila na série de crônicas que Nelson produziu sobre a morte do romancista. Esta teria tocado seu “íntimo e inconfesso pântano”, o que lhe deu álibi para reclamar do amigo Otto: “Certa vez ouvi o Otto Lara Resende dizer na TV Globo: – ‘O genial João Guimarães Rosa’. Além de chamá-lo de ‘genial’, ainda lhe punha, por extenso, o nome. Eu estava em casa. Detestei o Otto e pensei, desfeitoado: – ‘Uma besta, esse Otto’. No dia seguinte estava eu dizendo, não sei a quem, que o *Grande sertão* tinha muito de gratuito, de incomunicável; e a linguagem do autor, que ninguém entendia, era uma audição para surdos. Fiquei, por uns dias, ressentido com o Otto: – ‘Nunca me chamou de gênio’, era o meu lamento”.

Pequenas no tamanho, as crônicas de Nelson e Otto transformaram-se, com o passar do tempo, em bens perduráveis. Os interessados podem tirar a prova em reedições mais ou menos recentes de seus trabalhos, de onde foram tirados os textos reproduzidos aqui neste artigo.

Desde o início dos anos 90, a editora Companhia das Letras vem compilando e publicando em livros os textos de Nelson e Otto que saíram nos jornais. *O óbvio ululante – primeiras confissões*, de Nelson, republicado em 1993 com critérios diferentes dos adotados na primeira edição, de 1968, é apresentado pelo organizador, Ruy Castro, como um conjunto de “crônicas”. Já *A vida como ela é* da mesma coleção, reunindo também textos de jornais, é qualificado como um conjunto de “contos”, revelando que a crônica, tal qual o romance, é um gênero aberto que comporta, dependendo do ângulo, classificações variadas.

Os textos de jornal de Otto Lara Resende foram reunidos nos livros póstumos *Bom dia para nascer* e *O príncipe e o sabiá*, sendo neste apresentados como “perfis”. No tempo em que saíram nos jornais, no entanto, passariam por crônicas ou artigos. A linha que separa gêneros jornalísticos e literários é, às vezes, sutil, mais ainda quando os autores, como é o caso de Otto e Nelson, revelam talento e capacidade de transcender o fato objetivo (por sinal, Nelson reclamava contra os “idiotas da objetividade”). De qualquer forma, independentemente das classificações, o fato é que os textos de Otto e Nelson não perderam o viço; são até hoje uma delícia de ler, apesar de muitos terem sido escritos há mais de 30 anos.

* Benício Medeiros é Jornalista, bacharel em Direito. Ocupa o cargo de editor-executivo da *Revista do Livro*, da Fundação Biblioteca Nacional, e é autor de *Otto Lara Resende: a poeira da glória*.